



EMPODERAMENTO FEMININO: CONQUISTAS E DESAFIOS

Mileane Andrade Azevedo
Luciano Dias de Sousa

Resumo: Na sociedade as mulheres continuam na luta para conquista e reafirmação do espaço social na contemporaneidade. O empoderamento feminino tem como base a consciência expressa por ações que fortalece e desenvolve a equidade na sociedade, sendo diferente do feminismo, embora interligados. O presente estudo tem como objetivo fazer uma breve contextualização histórica da trajetória do Movimento Feminista no mundo a partir dos pontos significativos, a luta das mulheres por direitos iguais para garantir a cidadania e atuação na sociedade de forma que tenham as mesmas oportunidades e acima de tudo, respeito. No segundo momento, o estudo parte para as questões voltadas para a relação histórica do Feminismo e o Empoderamento das mulheres. A metodologia adotada caracteriza-se como revisão bibliográfica, na qual a fundamentação é das Teorias Feministas e Empoderamento.

Palavras-chave: comportamento; sociedade; feminismo; empoderamento

1.Introdução

Por volta da década de 60, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, lugares que serviram de palcos para manifestações em favor da luta das mulheres e as causas feministas: liberdade e direitos das mulheres, organizado pelo Movimento Feminista naquela época. A revolta da “queima de sutiãs”, protesto que marcou a entrada do movimento feminista estadunidense para história, sendo um dos primeiros atos públicos a questionar os padrões machistas e comportamentos que foram historicamente constituindo valores da cultura masculina durante séculos na sociedade. Estas manifestações representaram a tomada de consciência de muitas mulheres e influenciou a nível mundial as questões voltadas para as mulheres em nossa sociedade, acabou favorecendo a abertura para a discussão acerca da condição, conduta, espaço na sociedade, mercado de trabalho, direito e liberdade das mulheres.



Para Faria Alves e Silva Alves (2013, p.114), as tendências do movimento feminista tiveram início no final do século XIX e se estenderam pelas três primeiras décadas do século XX. O movimento sufragista, que teve à frente Bertha Lutz, foi o foco da primeira tendência. Essa fase era a do feminismo "bem comportado" e sinalizava o caráter conservador desse movimento. Nesse momento, ainda não era questionada a opressão da mulher.

Decorrente das inúmeras opressões que a sociedade impôs e ainda impõe, intensificaram as lutas e as formas de organização em torno de um campo constituído fundamentalmente por mulheres anunciando a reivindicação de seus direitos e denunciando as desigualdades de classe, violência e etnia, mas principalmente de luta pela liberdade e respeito, consolidando o processo de construção de uma identidade feminina capaz de garantir a participação ativa da mulher na política e na sociedade.

A sociedade vem sofrendo mudanças e uma muito importante que se destaca é o papel da mulher antes coadjuvante, apagada pela figura do homem, como objeto ou ser protegido e fragilizada, atualmente assumindo cada vez mais um papel de destaque, mesmo tendo um passado assinalado por limitações e autoritarismos.

Devido as lutas travadas por muitas mulheres que estão conquistando e assumindo cada vez mais espaços da vida social e pública, deixando no passado o estereótipo de "dona de casa" e ocupando vagas de trabalho antes inimagináveis há algumas décadas atrás.

Levando-nos a questão norteadora deste estudo: Qual é a trajetória do Movimento Feminista e se é possível sustentar a ideia de que existe um empoderamento feminino na sociedade contemporânea?

Dessa forma, o desdobramento argumentativo desse estudo, parte da trajetória do Movimento Feminista e as questões do empoderamento da mulher na sociedade. Tendo em vista, que vivemos numa sociedade de base patriarcal



e ainda um número expressivo de mulheres sofrem preconceito e violência no âmbito familiar de seus parceiros.

2. O Movimento Feminista: Uma breve história de Luta

O movimento feminista é um movimento social, político e econômico que tem o objetivo de apoiar, debater e lutar pelos direitos das mulheres. A luta é para construir uma sociedade igualitária em que as mulheres deixem de ser vítimas de diversas formas de opressão social para levar a sociedade às estruturas mais justas.

Priore (2013) afirma que foram necessários mais de 200 anos para que as mulheres conquistassem direitos que permitem a livre expressão e o exercício da cidadania, como: votar, usar anticoncepcionais, divorciar-se e ocupar cargos de alto escalão em empresas.

O século XXI será das mulheres! Quem avisa são os filósofos. De fato, elas estão em toda a parte, cada vez mais visíveis e atuantes. Saíram de casa, ganharam a rua e a vida. Hoje trabalham, sustentam a família, vêm e vão, cuidam da alma e do corpo, ganham e gastam, amam e odeiam. Quebraram tabus e tradições. Não é pouco para quem há cinquenta anos só tinha um objetivo na vida: casar e ter filhos. Ser feliz? Ao arrumar uma aliança no dedo, a felicidade vinha junto (PRIORE, 2013, p.5).

O movimento feminista teve seu início durante o século XIX. Uma das maiores influências para o movimento foi a Revolução Francesa e as alterações sociais que começaram a acontecer nesta época. A partir das mudanças trazidas pela Revolução Francesa as mulheres começaram a tomar consciência das desigualdades a que eram submetidas e, pouco a pouco,



passaram a questionar os modelos sociais e lutar para diminuir a desigualdade política e de direitos.

Nesse primeiro momento de luta as principais causas defendidas pelo movimento eram ligadas aos direitos políticos, à liberdade de escolha das mulheres e ao direito a usufruir da vida pública. Foi nessa época que surgiu o movimento sufragista pelo direito ao voto das mulheres.

Neste mesmo período eclode na Inglaterra o Movimento Women's Suffrage (mulheres sufragistas) onde milhares de mulheres manifestavam-se pela garantia de seus direitos, em especial o direito ao voto. A conquista do sufrágio feminino vai acontecer em 1913 no Reino Unido, caracterizando todo esse período como a primeira onda do feminismo (MENDES; VAZ; CARVALHO, 2015, p.90).

Já entre as décadas de 60 e 90, a busca pela igualdade social e igualdade de direitos se intensificou e as mulheres passaram a questionar todas as formas de submissão e desigualdade que enfrentavam. Foi também nessa época que questões sobre liberdade sexual, maternidade e direitos de reprodução foram discutidas e começaram a surgir a união das mulheres enquanto movimento capaz de provocar alterações na sociedade, como também juntaram ao movimento as mulheres negras e lésbicas. Foi então, a partir dos anos 90 e pode ser definido pela busca de total liberdade de escolha das mulheres em relação às suas vidas.

O cenário hoje é de conquistas, principalmente se olharmos para trás e toda a história de opressão e desigualdade de direitos comparados aos dos homens. Ninguém nega que a luta feminista garantiu direitos por muito tempo negados. Coisas que hoje parecem resolvidas, questões ultrapassadas, podemos citar o direito a estudar, a ter uma profissão, votar e ter participação política, o direito ao divórcio e, mesmo que numa ditadura da moda, liberdade



pelo corpo feminino. Embora, ainda vivemos numa sociedade preconceituosa e com forte influência da estrutura baseada no patriarcado, a luta das mulheres encontra apoio em outros segmentos da sociedade que faz sempre acender a esperança de mudança de pensamento rumo a equidade de gêneros.

Para Almeida (2004, p.237) a origem e a reprodução da violência na intersecção entre dois eixos perpendiculares. Por um lado, o eixo vertical que traz em si a relação do dominador com o dominado, do agressor com sua vítima, e, por outro, o horizontal que denuncia o dominador com seus pares – seus semelhantes, aliados e sócios do mesmo nível hierárquico. A condição de iguais que faz possível as relações de competição e aliança entre estes últimos resulta justamente de sua demonstrada capacidade de dominação sobre aqueles desiguais que ocupam a posição inferior. Em todos os âmbitos, a geometria da violência é a mesma e caminha sobre esses dois eixos, uma vez que para ser um “igual” é necessário manter dependentes ou subordinados no eixo vertical – fato que se estende da esfera doméstica aos espaços públicos mais amplos.

Dessa maneira, o patriarcado é entendido como pertencendo ao discurso simbólico construído por anos e com uma estrutura inconsciente que conduz os afetos e distribui valores entre os personagens do cenário social.

3.A condição de ser mulher: o empoderamento feminino

O papel da mulher ao longo da história foi se modificando à medida que a sociedade flexibilizou sua estrutura, e os patriarcais provedores do lar foram cedendo espaço às mulheres engajadas que trabalham fora, educam filhos e administram lares. Hoje essa realidade atinge seu ápice de desenvolvimento: o público feminino tem se qualificado cada vez mais e agrega ao papel de filha,



esposa e mãe o papel de profissional bem-sucedida, apesar da discriminação e violência ainda ser uma realidade.

Segundo pesquisas, embora existam políticas públicas e leis com a Lei Maria da Penha, ainda doze mulheres são assassinadas todos os dias, em média, no Brasil. É o que mostra um levantamento feito pelo G1, portal de notícias da Globo, considerando os dados oficiais dos estados relativos em 2017: são 4.473 homicídios dolosos e 946 feminicídios; casos de mulheres mortas em crimes de ódio motivados pela condição de gênero.

O sociólogo Pierre Bourdieu (1930 – 2002), em *A dominação masculina*, afirma que a tal dominação não é biológica, mas uma construção arbitrária do biológico que fundamenta as divisões sexuais aparentemente espontâneas. A escola, família, igreja e estado ratificam a ordem social preponderante.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no próprio lar, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais, é a estrutura do tempo, as atividades do dia, o ano agrário, ou o ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculino, e longos períodos de gestação, femininos (BOURDIEU, 2014, p. 22-24).

As mulheres destinadas por força de uma cultura e tradição social masculina foram destinadas as responsabilidades do lar, cuidar de filhos, marido e casa, cabendo ao homem prover o sustento do lar e se preocupar com as questões financeiras. Dessa forma, seguindo uma tradição de uma



cultura machista, o homem domina a religião, a política, os pensamentos sociais, culturais e artísticos. A cultura feminina do passado, então, inferior, levou as mulheres apenas à relação doméstica e de submissão tanto no âmbito familiar quanto o social. Sem a oportunidade de ser ouvida e de participar de decisões importantes, até mesmo com relação ao seu próprio corpo. Numa ditadura religiosa ou da moda. A subordinação ao contexto dos homens através da violência ou por questões ideológicas impregnadas e transmitidas por meio de um discurso machista fez com que o espaço determinado as mulheres ficassem sufocadas por regras pré-determinadas pelo um segmento da sociedade conservadora.

O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar mulher. Mas que privilégio permitiu essa vontade? (BEAUVOIR, 1970, p.81).

Ainda hoje, as mulheres continuam sujeitas a restrições e limitações de uma sociedade composta em suas raízes históricas de tradição machista, o patriarcalismo gerou uma sociedade que tem suas amarras muito forte ideologicamente, e essa tradição só reforça o status inferior das mulheres e



impõe limitações sociais, que na verdade, são inexistentes. Na condição de mulher, muitas vezes são obrigadas a passar por testes maiores para provar que são qualificadas para determinado trabalho. Além de enfrentar o preconceito pela possibilidade de maternidade ou corpo frágil.

Adichie (2015, 2017) afirma que é preciso fazer uma reflexão sobre a conduta da mulher de forma que não anule mais sua personalidade para atender expectativas dos outros. É preciso que defender a liberdade e os direitos iguais, afirmando que as mulheres não precisam se adequar a estereótipos de masculinidade. A sociedade é impregnada de um patriarcalismo que reproduz incessantemente que a mulher não é capaz de exercer determinadas tarefas, não há representatividade feminina em posições de poder, com pouca visibilidade e respeito, tendo que lutar para a mudança de estereótipo.

Mesmo com uma nova redefinição da estrutura social feminina, são reservadas as mulheres o papel e a tarefa de comandar e organizar o espaço doméstico, para manutenção da família e da sociedade. Portanto, a mulher ainda é considerada a guardiã deste espaço e também a base moral da sociedade, que educa e transmite valores para os filhos.

A submissão é uma característica historicamente construída, é destrutível para consciência feminina; considerada pela igreja como pecadora, pela sociedade como alguém que deve obediência ao marido ou pai, ser frágil, não dona de seu corpo e proibida ou subjugada por ter prazer no ato sexual. Um sistema totalmente opressor e limitador da consciência e do direito à liberdade que procura moldar o comportamento feminino.

As mulheres eram mantidas em posições subordinadas, e a feminilidade deveria limitar-se à obediência ao lar e à maternidade. As próprias mulheres eram ensinadas a desconfiar de si mesmas, de suas emoções, de seus próprios corpos.



O novo desafio das mulheres é a conscientização que pode quebrar o estereótipo antigo. Passa a ser um canal de percepções para assumir sua nova realidade na sociedade. Cabe às mulheres também, o desafio de tornar permanente seu contato com o mundo, fazendo parte de um processo de crescimento humano.

Nos últimos anos, o termo que chegou com muita força foi o “empoderamento feminino”, que representa consciência coletiva, expressada por ações para fortalecer as mulheres e desenvolver a equidade de gênero. É uma consequência do movimento feminista e, mesmo estando interligados, são coisas diferentes. Empoderar-se é o ato de tomar poder sobre si.

O empoderamento feminino passa por vários caminhos: na sociedade, pelo conhecimento dos direitos da mulher, por sua inclusão social, instrução, profissionalização, consciência de cidadania e, também, “por uma transformação no conceito.

Berth (2018) debruçou sobre tema feminismo trazendo importantes reflexões sobre o papel da mulher e o conceito de empoderamento para catalisar grandes transformações sociais em momentos importantes da história. Para Berth, o empoderamento é processual e contínuo, um instrumento de emancipação vital para os grupos de oprimidos.

O empoderamento é um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstróem e desconstróem em processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas. O empoderamento visa a estrada para contraposição fortalecida ao sistema dominante, a movimentação de indivíduos rumo ao empoderamento é bem-vinda, desde que não se desconecte de sua razão coletiva de ser (BERTH, 2018, p. 43).



O que as mulheres buscam com o empoderamento é o seu caráter emancipatório e igualitário para com os homens, de modo a reconfigurar a sociedade patriarcal em que vivem, com seus processos e estruturas que ainda subalternizam a mulher.

A independência da mulher é fator altamente importante para sua libertação. Essa, por sua vez, é determinante para a iniciativa individual e para a eficácia social, que melhoram o potencial da pessoa para cuidar de si mesma e para influenciar o mundo, no momento em que participa, verdadeiramente, dos destinos e dos rumos da comunidade como agentes de desenvolvimento e não, pacientes.

O que representa a liberdade e o grito das amarras da opressão masculina é o desejo das mulheres em serem livres, porém muitas delas não têm coragem de demonstrar sua força e lutar pela sua própria identidade e posição dentro desta sociedade.

Dessa forma, as mulheres numa busca constante por direitos, respeito e liberdade, luta contra o autoritarismo machista cultural de nossa sociedade. E sua principal arma é própria consciência de sua condição e persuasão para influenciar e promover mudanças necessárias para uma vida digna. Quando uma mulher reivindica seu direito, cobrar mudança de postura, conquista mais espaço social, se empodera e emana poder feminino para que outras também assumam uma nova postura que não seja o patriarcalismo.

4.Considerações finais

A existência das desigualdades entre homens e mulheres desde o momento em que se passou a aceitar as diferenças como naturais, biológicas e frente à adaptação feminina a esse lugar na sociedade, internalizando uma



visão de si mesma como de inferioridade, submissão e dependência. Também, quando o homem atribuiu a si mesmo a imagem de desempenho e sucesso, no espaço em que ele tem de competir com os outros, permanentemente para mostrar que é superior, responsável e provedor da família. Enquanto isso, a mulher ficou relegada ao plano doméstico, criar os filhos sendo submissa ao marido.

O papel fundamental da mulher e a sua importância nas conquistas políticas, econômicas, culturais e sociais foi e ainda é ignorado por muitos na atualidade. Desse modo, a luta das mulheres pelo reconhecimento de seus direitos, tanto no Brasil, quanto no mundo, perdura-se ao longo da história.

O empoderamento feminino e suas ações são medidas necessárias para limitar a exploração marcadas pelo machismo e pelo preconceito. Nessa linha, as políticas públicas devem combater toda e qualquer situação que se afaste da liberdade, do respeito e da garantia de direitos. A população feminina empoderada poderá buscar e conseguir benefícios sociais, poder, melhores condições de trabalho e de vida.

5.Referências:

ADICHIE, Chimmanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.

_____. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. **As raízes da violência na sociedade patriarcal**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 19, n. 1, p. 235-243, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v19n1/v19n1a12.pdf>. Acesso em: 17 de novembro de 2018.

ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. **As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres**.



IV Seminário CETROS Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social 29 a 31 de maio de 2013 – Fortaleza – CE – UECE – Itaperi. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17225-08072013-161937.pdf. Acesso em: 1 de fevereiro de 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Editora BestBolso, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

G1GLOBO.COM. **Cresce o nº de mulheres vítimas de homicídio no Brasil; dados de feminicídios são subnotificados**. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/cresce-n-de-mulheres-vitimas-de-homicidio-no-brasil-dados-de-feminicidio-sao-subnotificados.ghtml>. Acesso em: 29 de setembro de 2018.

MENDES Raiana Siqueira; Bruna Josefa de Oliveira VAZ, Amasa Ferreira CARVALHO. **O Movimento Feminista e a luta pelo empoderamento da mulher**. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ged/article/view/25106/14464>. Acesso em: 17 de novembro de 2018.

PRIORE, Mary Del. (Org.) **Histórias e Conversas de Mulher**. São Paulo: Editora Planeta, 2013.vViolência